



AS CONTRIBUIÇÕES DA EAD NO APRENDIZADO DE UMA LÍNGUA ESTRANGEIRA POR ALUNOS SURDOS

Thalles Martins Rodrigues ¹

¹ Universidade Federal de Minas Gerais/ FALE – Faculdade de Letras, thalles.martinsr@gmail.com

Resumo: Mapeando inicialmente o cenário atual em relação a inserção de pessoas surdas e deficientes auditivas nas escolas brasileiras e a acessibilidade ao aprendizado de Libras, o presente trabalho busca investigar as contribuições da Educação a distância no aprendizado de línguas estrangeiras pelos surdos, com foco na ASL, a língua americana de sinais.

Palavras-chave: Libras, Língua estrangeira, EAD

1 - Introdução

O presente estudo foi motivado pelo questionamento sobre a possibilidade de pessoas surdas vivenciarem experiências como o intercâmbio de forma autônoma. Cerca de 9,7 milhões de brasileiros apresentam deficiência auditiva segundo o censo realizado pelo IBGE em 2010. Somente em 2002 foi sancionada a lei nº 10.436 que reconhece a Libras como a segunda língua oficial do Brasil e a aceita como forma de comunicação e expressão da comunidade surda.

Nos quinze anos decorrentes, a Libras foi inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores com o decreto nº 5626/05. 95% dos surdos são filhos de pais ouvintes. Inúmeros estudos apontam para a importância da criança surda ter a acesso à língua de sinais para que o seu desenvolvimento cognitivo não seja afetado. A escola acaba por se tornar responsável por esse primeiro contato com a Libras. Um ambiente em que esses sujeitos estão inseridos, mas em sua maioria ainda não estão inclusos totalmente.

Percorrer a trajetória da educação dos surdos no Brasil e das metodologias de ensino desenvolvidas no decorrer dos anos possibilitou um olhar amplo para os principais desafios encontrados pelos professores e alunos.



Permitindo reflexões sobre quais contribuições e como a EAD tem respondido para a construção de uma educação mais inclusiva. Uma longa caminhada para que então seja proposto o ensino de uma língua espaço-visual como a ASL (Língua Americana de Sinais) para o aprendizado de uma língua estrangeira a partir da EAD.

Educação a distância e acessibilidade para alunos surdos

Lima, Lima e Castro (2015), apresentam a EAD como uma modalidade de ensino recente que tem alcançado expressão cada vez maior por possibilitar o uso da autoaprendizagem e por não afastarem os alunos por um longo período de suas atividades habituais.

No estudo realizado pelas autoras tendo como objetivo uma discussão sobre a educação a distância para surdos destacaram dois obstáculos: os materiais ofertados são em sua maioria oralizados e professores despreparados para interagir adequadamente nesse espaço atendendo as necessidades desses indivíduos. Além disso, expõem a inexistência de pesquisas acadêmicas acerca do tema.

Oliveira, Jensen e Lima (2010) também relataram em seu estudo a escassez de materiais sobre o assunto em bancos de dados científicos como o Scielo. Dentre as conclusões que obtiveram está a de que um dos principais problemas no ensino de pessoas com deficiência auditiva é a forma que é apresentado o conteúdo e a dificuldade das instituições de ensino em se adaptarem para esse alunos.

Para Brasileiro, a EAD é um meio importante para inclusão social das pessoas com deficiência podendo contribuir para autonomia desses indivíduos, superando as barreiras dos centros urbanos e possibilitando que o aluno aprenda no seu próprio ritmo e que “esconda” sua deficiência. Nos diversos depoimentos apresentados pela autora a falta de acessibilidade e o preconceito encontrados nos cursos presenciais dificultaram a continuidade dos estudos.

Santana, Santana e Lima ouviram as perspectivas de nove alunos sobre a EAD no ensino superior somente quatro descreveram desvantagens relacionadas em sua maioria por dificuldades para interpretar conteúdos na Língua Portuguesa.



Os estudos descritos acima demonstram que a EAD também possui desafios a serem superados para atingir uma educação inclusiva efetiva para os alunos surdos. Em partes, isso deve-se ao fato de que o conteúdo produzido para essa modalidade tem como público alvo as pessoas ouvintes. Porém mesmo com as adversidades há uma considerável aceitação pelo aprendizado a partir da EAD.

O ensino de Língua Americana de Sinais (ASL)

Assim como o ensino da Língua Portuguesa, o ensino de Língua Inglesa para surdos limita-se a escrita e a leitura. Nas pesquisas de Carvalho (2014) e Tavares e Oliveira (2014) são mencionadas dificuldades como pouco conhecimento da Língua Portuguesa e da Libras de alguns alunos surdos, alunos ouvintes que não gostam de interagir com os surdos por acharem a comunicação com eles difícil ou por acharem que atrapalham as aulas, aulas centralizadas na oralidade, despreparo dos interpretes e professores e ausência de orientações governamentais e materiais didáticos que atendam às necessidades dos dois grupos de alunos.

O aprendizado de uma língua oral estrangeira não abrange a conversação. A oralização da criança surda é uma alternativa inviável. O tratamento fonoaudiológico proporciona apenas um contato artificial com a língua, diferente daquele desenvolvido por uma criança ouvinte que aprende no cotidiano em diversas situações comunicativas com outros sujeitos falantes. A aprendizagem da língua oral pelo tratamento deve-se iniciar aos dois anos durando aproximadamente dez anos.

Conforme o decreto nº 5.626/005 em seu capítulo I, artigo 2º, a pessoa surda “compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras”. Sendo assim, uma língua espaço-visual deveria ser considerada no processo de escolha da língua estrangeira que será lecionada para esse grupo.

Nesse estudo propomos o ensino da Língua Americana de Sinais (ASL) como língua estrangeira. A ASL e a Libras tiveram influências da Língua de Sinais Francesa. A ASL com a ida do francês Laurent Clerc em 1816 para EUA



onde fundou a primeira escola para surdos na América do Norte sendo conhecido como o “apóstolo dos surdos na América”. E a Libras quando em 1855 Dom Pedro II traz da França o professor surdo Hernest Huet e funda em 1857 no Rio de Janeiro a primeira escola de surdos do país. Estima-se que cerca de 500 mil a 2 milhões de pessoas usam a ASL para se comunicarem somente nos EUA.

Conclusões

Uma breve pesquisa no site de buscas *Google* com as palavras “curso online ASL” apresentou poucos resultados significativos. Podendo reuni-los em dois grupos: cursos presenciais e cursos online e pagos anunciados algum tempo atrás. Em sua maioria, o conteúdo ofertado é bem básico. Nos sites de dois dos cursos encontrados há comentários recentes de pessoas surdas interessadas pela ASL. É possível tecer algumas conclusões aqui. O aprendizado de ASL não é acessível por estar centrado em algumas localidades. Há poucos professores e interpretes. Há poucas pesquisas acadêmicas sobre o assunto.

A educação a distância tem um potencial inicial para suprir os inúmeros desafios e superá-los. A construção de um curso com ênfase na cultura da comunidade surda e suas necessidades. Um primeiro passo para que possibilite também a formação de profissionais da educação também e que permita que futuramente a possibilidade de programas de intercâmbio e o ensino presencial da Língua Americana de Sinais como Língua Estrangeira nas escolas públicas.

Referências bibliográficas

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil], Brasília - DF, nº 79, p.23, 25 abr. 2002. Seção 1. Disponível em: <www.libras.org.br/leilibras.html>. Acesso em: 04 de junho de 2017



BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União, Brasília, 23 dez. 2005.

BRASILEIRO, Sheilla. Tecnologia, acessibilidade e educação a distância. In: COLÓQUIO EDUCAÇÃO SUPERIOR: Dimensões e perspectivas transdisciplinares, 2017, Belo Horizonte. Disponível em:

<<https://www.ufmg.br/ead/coloquiodesafios/Apresentacao/TecnologiaAcessibilidadeEaD.pdf>> Acesso em: 02 de junho de 2017.

CARVALHO, R. A. M. de. Desafios do ensino da Língua Inglesa para surdos. 2014. 133 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Goiás.

LIMA, M.D.; LIMA, M.D.; CASTRO, F.G.A.S. Um estudo sobre acessibilidade dos surdos na educação a distância. In: IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: Didática e Avaliação, v.1, 2015, Rio de Janeiro. Disponível em: <

http://www.editorarealize.com.br/revistas/ceduce/trabalhos/TRABALHO_EV047_MD1_SA6_ID1496_20052015190846.pdf> Acesso em: 04 de junho de 2017.

OLIVEIRA, D. L.; JENSEN, R. G. D.; LIMA, V. A. A. Educação a Distância para Pessoas com Deficiência Auditiva. Revista Olhar Científico – Faculdades Associadas de Ariquemes. v. 01, n.2, ago./dez. 2010

SANTANA, L.A.; SANTANA, E.M.U.; LIMA, D.A. Perspectivas de alunos surdos sobre a educação a distância no ensino superior. In: VII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE, v.1, 2008, Curitiba. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/253_128.pdf> Acesso em: 04 de junho de 2017.

TAVARES, Kátia Cristina do Amaral; OLIVEIRA, Ana Paula Pires de. Libras no ensino de inglês mediado pelas novas tecnologias: desafios e possibilidades. Rev. bras. linguist. apl., Belo Horizonte, v. 14, n. 4, p. 1045-1072, dez. 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-63982014000400012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 04 junho de 2017.



WILCOX, S.; WILCOX, P.P. *Aprender a ver*. O ensino da Língua de Sinais Americana como Segunda Língua. Petrópolis: Arara Azul, 2005. 204 p. (Coleção Cultura e Diversidade)